

Movimento Cultural Ermelino Matarazzo: Semioses Para Um Traçado Cartográfico Na Cultura Midiática¹

Nilton Faria de Carvalho²
Universidade de São Paulo (USP)

Resumo

O Movimento Cultural Ermelino Matarazzo (MCEM) nasceu de uma ocupação no bairro de Ermelino Matarazzo (SP), a partir da ausência de equipamentos de cultura na região. Após alguns embates com a gestão pública, a ocupação ganhou autonomia e hoje oferece diversas atividades gratuitas. O presente trabalho tem como objetivo construir um trajeto cartográfico em busca de um entendimento teórico acerca dos processos culturais, comunicacionais e semióticos do MCEM. Para isso, identificamos as mediações populares desses processos e, pela Semiótica da Cultura, analisamos seus movimentos de recodificação, entre heterogeneidades internas e relações externas com problemas sociais que desafiam o coletivo. Ao final, fizemos apontamentos acerca da singularidade do coletivo na contemporaneidade e suas ressonâncias midiáticas.

Palavras-chave: coletivos; cartografia; semioses; cultura; ativismos.

Introdução

A Ocupação Cultural Mateus Santos nasceu da junção de pequenos coletivos de cultura, no bairro de Ermelino Matarazzo, Zona Leste de São Paulo. O movimento começa de maneira orgânica, quando artistas do distrito de Ermelino perceberam que muitos de seus eventos ocorriam nas mesmas datas. Na época, o movimento se chamava Cultura ZL e os primeiros encontros ocorriam na praça Primeiro de Maio (região central de Ermelino), nos quais os eventos eram debatidos em busca de uma agenda cultural unificada para a região – com atividades como saraus, eventos de grafite, peças, música, entre outros. Essa ideia de autogestão foi decisiva para os manifestos produzidos coletivamente, questionando a ausência de equipamentos de cultura em Ermelino, quando o coletivo passa a cobrar tanto a prefeitura quanto o governo do estado de São Paulo – em meados de 2016, quando o coletivo já havia sido nomeado Movimento Cultural Ermelino Matarazzo (MCEM). A ocupação sai da praça para ocupar o imóvel

¹ Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Pós-doutorando no Departamento de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). E-mail: niltonfar.carvalho@gmail.com.

que abrigava uma antiga subprefeitura, que estava à época não estava sendo utilizado pela prefeitura.

A relação com o poder público é marcada por uma série de embates. A ocupação começa na gestão Fernando Haddad (PT), cujo diálogo caminhava com alguns entraves burocráticos. Para o coletivo, era fundamental ter autonomia total para a gestão do espaço, sem o vínculo direto com a administração pública, daí decorre uma das principais diferenças das dinâmicas culturais do movimento frente à visão institucional do poder público: possibilitar que as pessoas se organizem sem vínculos diretos com a prefeitura – questão que geralmente não é bem compreendida na engrenagem institucionalizada do poder público. O MCEM é um movimento cultural periférico independente, que surge como resposta política à ausência de equipamentos públicos de cultura. Ao se posicionar pela independência nos diálogos com a prefeitura, o movimento ganhou reconhecimento e conseguiu seus primeiros editais de fomento, mas a cada troca de prefeito demanda novas rodadas de negociação pela autonomia.

Com a chegada de João Dória (PSDB) à prefeitura, o diálogo encontrou alguns problemas, principalmente pela visão que a gestão Dória tinha sobre a cultura – à época, a prefeitura chegou a sugerir que eles comercializassem produtos de culinária para levantar verba, num discurso muito próximo ao do empreendedorismo, que em si não é um problema, pois o coletivo participa de eventos de empreendedorismo periférico, mas esse não era o objetivo principal do movimento, o que parecia era que a prefeitura não queria um comprometimento com editais públicos. O ponto máximo de tensão ocorreu quando o então secretário de Cultura, André Sturm, ameaçou agredir Gustavo Soares, integrante do Movimento Cultural Ermelino Matarazzo. Após a repercussão na imprensa, o coletivo sofreu cortes de água e luz, numa tentativa de forçar a saída dos jovens do espaço ocupado. O episódio marcou uma virada produtiva do coletivo, pois se os cortes tentavam fazer com que o espaço fosse desocupado, a saída encontrada pelo coletivo foi ampliar a agenda de atividades e manter o local funcionando.

“A periferia se move ao contrário, sempre que vem uma perseguição a gente amplia o nosso fazer [...] a gente passou a usar a *sivirologia*, tecnologia periférica, para ter eventos no espaço”³, comenta Gil Douglas, do MCEM, ao falar sobre os cortes de água e luz. O conceito de *sivirologia* deriva do jargão popular “*si vira*”, termo ao qual

³ Trecho retirado de um material multimídia sobre coletivos de cultura organizado pelo Sesc São Paulo. Ver Sesc (2021).

os coletivos de cultura geralmente recorre para destacar suas ações de resistência. Figura influente nos movimentos de cultura da Zona Leste, o educador e ativista Mestre Soró, da Comunidade Cultural Quilombaque, usava o termo com frequência. A menção ao termo sintetiza estratégias variadas de trabalhar com os recursos disponíveis, na experimentação, como observa Cleiton Ferreira (2023), integrante da Quilombaque:

Ancorados nos pressupostos e fundamentos da visão sistêmica criamos uma metodologia, multidimensional para diagnosticar, planejar e agir sobre a realidade, produzir conhecimento e aprender de modo processual e permanente, ou seja, se você tem, você faz, se você não tem, você faz do mesmo jeito, VOCÊ SE VIRA! (FERREIRA, 2023)

A capacidade de se posicionar frente a problemas que são gerados por desigualdades históricas, engrenagens de poder e paradigmas sistêmicos exigiu que os coletivos lançassem mão de práticas experimentais. Essa possibilidade de trabalho independente que se articula deve ser menos entendido como improvisado do que como estratégia na construção de possibilidades, geralmente marcadas pela emergência de solidariedades e transversalidades – no texto citado de Cleiton Ferreira (2023), por exemplo, há menção às práticas de resistência dos quilombos, cujos arranjos culturais em torno de novas sociabilidades produziam alternativas e possibilidades de luta. Voltaremos ao conceito mais adiante.

Hoje o MCEM é um importante espaço cultural e político de Ermelino, formado por artistas, educadores, coletivos, comunicadores e moradores da região que consomem cultura. Boa parte das ações do MCEM possui expressões midiáticas, uma vez que as plataformas (YouTube, Instagram e Telegram) são uma frente bastante explorada pelo coletivo na divulgação de suas ações e ideias. Esse movimento midiático nos provoca a compreender a seguinte questão: como os processos culturais e sociais que envolvem a formação política do coletivo constroem novos arranjos midiáticos? Nosso objetivo é compreender como uma dinâmica coletiva, nascida em um movimento social periférico de Ermelino, se desenvolve culturalmente como sustentação de diferentes expressões midiáticas – como esses arranjos atualizam a cultura midiática? Quais suas ressonâncias?

A base teórica se desenvolve em considerar a existência de um diagrama tecnológico de plataformas pelo qual o poder privado é cada vez mais ubíquo (FOUCAULT, 1999), ao mesmo tempo em que uma série de processos de lutas locais

(DELEUZE, 2005) se desenvolvem em pequenos focos de contrapoder. O MCEM é um deles. A cultura é central no caminho metodológico que iremos percorrer, ao levarmos em conta os processos culturais do coletivo pelos *mecanismos de atualização da cultura* (LOTMAN; USPENSKI, 2000) – e aqui dialogamos com a Semiótica da Cultura de Iuri Lotman (1996). A cultura é pensada como arena semiótica de tensões pela qual se configuram os processos de diferenciação que permitem a emergência de novos arranjos éticos, políticos em suas expressões midiáticas. No caso do coletivo MCEM, as ações somente são possíveis na junção de pequenos coletivos, ativistas da cultura e moradores do bairro, o que em si pressupõe um *mapa de mediações* – um mapa que não se desenvolve no Centro de São Paulo, mas nas diferentes posições que são culturalmente e socialmente construídas nas para as periferias, como bem observou Martín-Barbero (2001) em seus estudos. Nosso trabalho de campo identificou uma série de aprendizados que nos provocam a formular outra importante questão: se as desigualdades estruturais do país inscrevem a subalternidade como único caminho possível para as periferias, como é produzida a conscientização política no âmbito das culturas periféricas? Nossa hipótese é que as dinâmicas das assembleias, que levam problemas a serem tratados coletivamente, num processo menos hierarquizado e institucionalizado, bem como a elaboração de uma agenda de atividades gratuitas para a região (entre outros processos), são mecanismos culturais de politização, que posteriormente ressoam nas linguagens midiáticas como modalidades alternativas. Esse mecanismo cultural é proveniente de semioses, notadamente produzidas nos encontros de subjetividades que se relacionam por afetos, ativismos, saberes periféricos. Entendemos esses processos como as linhas de fuga – esse código que difere da institucionalidade –, daí o traçado da cartografia, que para Deleuze e Guattari (2000) funciona por conexões possíveis, elaboradas a partir de intervenções na realidade – é o que as mediações dos coletivos nos convidam a fazer, um mapa de estratégias de ação política e paisagens midiáticas.

Coletivos e ativismos culturais, as semioses de uma cartografia

Com base nessa articulação que busca autonomia, observamos também a produção interna de uma ética diferente da observada em campos institucionalizados, em especial no âmbito político. Tal aspecto decorre da tensão estabelecida todas as vezes que uma dinâmica institucionalizada é oferecida ao coletivo. Nas conversas com a

prefeitura, por exemplo, houve uma série de tentativas de mudar o funcionamento do espaço para algo vinculado ao poder público, inclusive com cargos e hierarquias que seriam determinadas pela Secretaria de Cultura. Em outra frente, partidos políticos do campo progressista também iniciaram conversas com o movimento cultural, mas esbarraram na opção pela independência. Obviamente a ocupação Mateus Santos e seu histórico de ações podem ser pensadas dentro de um campo progressista de luta por direitos e acesso à serviços públicos gratuitos, mas sua atuação não funciona do mesmo modo que partidos ou mesmo sindicatos – nossa hipótese é que o MCEM trabalha a partir de outro código, cujos saberes situados no campo popular possibilitam novos arranjos comunicacionais.

Há uma dupla articulação na semiótica do MCEM: primeiro um mapa de afetos se desenha culturalmente no coletivo, pois “a presença de estruturas diversamente organizadas e de diversos graus de organização é uma condição necessária para o funcionamento do mecanismo da cultura”⁴ (LOTMAN; USPENSKI, em seguida, essa mesma cultura fronteira do MCEM entra nos fluxos midiáticos contemporâneos como elemento cultural de diferença. Pela compreensão das semioses em jogo nos ativismos do MCEM e em suas ressonâncias midiáticas, a cartografia se desenha, ao atravessar focos de experiência populares, no bairro de Ermelino, e nas expressões que o coletivo produz nas redes e plataformas. Em ambas as frentes, há uma dinâmica cultural processada na heterogeneidade do coletivo que se relaciona com as demandas que a exterioridade coloca – ou seja, trata-se de uma articulação semiótica produzida na diversidade das mediações que compõe o MCEM (artistas, coletivos menores, produtores de cultura, moradores etc.) que responde, a partir de uma série de ações e linguagens, aos problemas que batem à porta (tensões com o poder público, precarização, ausência de equipamentos de cultura etc.).

É no momento que o Movimento Cultural Ermelino Matarazzo se vê frente a uma tentativa de despejo que uma rede de parceiros foi ampliada em busca de uma agenda cheia de atividades. Entendemos que esse momento representa uma intensificação de ações que irão resultar na organização atual do coletivo. Na escadaria do espaço, entre os três andares que o compõem, uma série de fotos registra rostos de pessoas que por lá passaram, atividades culturais das mais variadas linguagens

⁴ “La presencia de estructuras diversamente organizadas y de diversos grados de organizacion es una condición necesaria para el funcionamiento del mecanismo de la cultura” (tradução nossa).

artísticas, oficinas, aprendizados e momentos que mostram as participações das pessoas na construção do local. O ato de “colocar a mão na massa” é uma prática essencial no movimento, pois quem pintou, buscou itens doados e trabalhou na limpeza das salas são as mesmas pessoas que conduzem cursos, recitam poemas nos saraus etc., ou seja, a construção coletiva do espaço físico, ao envolver as pessoas que ali iriam desenvolver seus trabalhos, acaba por gerar também um valor afetivo compartilhado.

A parceria com os coletivos de cultura, educadores, artistas e produtores da região pode ocorrer de diferentes maneiras. Exemplo: há uma pessoa do bairro com conhecimentos de edição de vídeo e que gostaria de ministrar um curso, ao solicitar a parceria, essa pessoa também irá ajudar na divulgação da oficina, bem como produzir os materiais midiáticos para as redes sociais etc. Outra situação ocorre com projetos como o Bate Prato⁵, um programa culinária e entrevistas, no qual a apresentadora, Bia Souza, faz um prato saudável enquanto entrevista artistas e educadores da região de Ermelino. O projeto possui edital municipal de incentivo à cultura e o MCEM oferece o espaço (as gravações ocorrem no terraço, espaço que possui uma bela vista para a região). No primeiro encontro, lançado no formato piloto, Bia falou com as idealizadoras do projeto Abayomi Ateliê – coletivo cultural periférico, nascido em Ermelino Matarazzo, que trabalha com moda, música e oficinas voltadas à cultura *hip hop*.

Como pudemos observar, as parcerias ocorrem na imprevisibilidade dos encontros. É assim que geralmente os projetos nascem. Como a Cia Canto de Omio⁶, que aproximou o trabalho do percussionista Flavinho Salvador e da dramaturga e diretora artística Natália Santos. A ideia surge após Natália assistir a uma aula ministrada pelo músico. No processo de formação, Flavinho costuma estimular a aprendizagem com a construção de instrumentos feitos de materiais reciclados (latas, garrafas pet etc.) para, num segundo momento, partir para o uso de instrumentos tradicionais – tamborim, pandeiro, repique etc. Natália é dramaturga e diretora artística e já participava de algumas atividades no MCEM, como o sarau Slam Fluxo. Ao assistir a uma das oficinas de Flavinho, ela observou a possibilidade de incluir a percussão em um projeto musical de contação de histórias baseadas em diferentes tradições brasileiras (indígenas, nordestinas, quilombolas etc.). A ideia é que a música conduza a narrativa contada para crianças, com pausas para diálogos, dramaturgia, embalados por ritmos

⁵ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=O4sIJCcIhzE&t=187s>>. Acesso em 26 abr. 2022.

⁶ Disponível em: <<https://www.instagram.com/ciacantodeomio/>>. Acesso em 7 ago. 2023.

variados e instrumentação majoritariamente percussiva. Assim, do encontro, da mistura de trajetórias culturais distintas, surgiu a possibilidade de formular uma nova linguagem artística – o projeto hoje é levado a CEUs (Centros Educacionais Unificados), bibliotecas, praças públicas, entre outros espaços.

Temos, portanto, uma rede por meio da qual os processos produtivos se desenvolvem, geralmente ampliando conexões – tornando possíveis ações. Essa dinâmica cultural faz retornar à população da Zona Leste uma série de opções de atividades culturais e formativas, todas gratuitas. Quanto seria, por exemplo, um curso de fotografia ou edição de vídeo numa instituição privada? Ou praticar xadrez? O que dizer então de um curso de guitarra ou percussão, bem como aulas de dramaturgia? E, claro, esse modo de atuar é permeado por desenvolvimentos de uma certa política periférica frente ao mundo. Formar artistas e produtores de cultura na periferia é responder politicamente (e eticamente) a um histórico de desigualdades estruturais que marcam a cidade (ROLNIK, 2004). Por isso, quando nos deparamos com o termo *sivirologia*, não estamos diante de um mero jargão popular, mas de um conceito que nos convida a pensar sobre a própria condição de país questionada nos ativismos periféricos – ou seja, é preciso perguntar, a exemplo da noção de perspectiva trabalhada por Eduardo Viveiros de Castro (2002): o que *o coletivo diz* quando usa o termo *sivirologia* – ou seja, qual é o conceito de coletivo trabalhado pelo MCEM? O que essa modalidade popular de organização é capaz de somar às discussões de acesso a direitos e na produção de políticas inclusivas? O que as ressonâncias dessa semiótica produzem nos fluxos midiáticos contemporâneos? São questões a serem enfrentadas.

Outro fator preponderante no que diz respeito à emergência de novos projetos é a presença de um campo heterogêneo em movimento, formado por educadores, artistas, moradores do bairro, produtores, coletivos etc. que se encontram, trocam experiências e elaboram trabalhos – há, portanto, constantemente *algo por vir* desses encontros. Trata-se de um estado de diversidade e de imprevisibilidade. O problema então colocado pela própria dinâmica cultural do Movimento Cultural Ermelino Matarazzo é o entendimento de um caminho produtivo inesperado, que opera à contrapelo da ausência de políticas públicas, capaz de fazer aumentar criatividade variadas, sempre que ideias novas de levar atividades às periferias são pensadas à luz da experimentação – o que vemos, notadamente, no projeto que envolve a dramaturga Natália Santos e o percussionista Flavinho Salvador. Em termos semióticos e culturais, estamos frente a um dinamismo

próprio de combinações de semioses que vêm de contextos distintos, colocando na recorrência dos encontros possíveis, que Iuri Lotman (1996, p. 53) considera por “complexos problemas de recodificação”. Ou seja, nas parcerias, há geralmente um elemento sendo produzido nas fronteiras de saberes interdisciplinares e entre diferentes subjetividades.

Caberia, então, compreender os processos que mobilizam a necessidade de recodificação, os aspectos internos e externos de um dinamismo cultural que coloca o MCEM em movimentos. Os saraus organizados pelo coletivo, por exemplo, acontecem no espaço do movimento cultural e também em bibliotecas e outros lugares culturais da região Leste. Em um dos encontros⁷, ocorrido em dezembro de 2021, em parceria com a Biblioteca Paulo Setúbal, os versos trabalhados pelos artistas nos dão alguns indícios dessa complexidade cultural. Os temas e as vivências periféricas indicam possíveis campos de atuação do próprio coletivo: críticas à mídia tradicional; reivindicações de liberdade para o corpo da mulher; celebração das cores dos grafites urbanos em contraponto à política da cidade cinza (governo Dória); incentivo à leitura e à cultura para formação de mais “Sérgios Vaz”, em detrimento de “Sérgios Moros”; menções a uma multiplicidade de minorias (mulheres, negros, indígenas, LGBTQIA+) – trata-se de um campo popular radicalmente diverso. Ao fundo, uma banda toca temas de *jazz*, *soul* e *funk* enquanto poetas (rapazes e meninas) tomam a palavra ao microfone. A transmissão online, em boa medida, se coloca como alternativa midiática, pois o apresentador Kenet interage com os comentários recebidos pelas redes sociais, ao fazer leituras das mensagens enviadas ao celular, em suas intervenções em meio aos revezamentos dos/as poetas. Ora, não seriam os saraus um desdobramento da própria *sivirologia* discutida e trabalhada no movimento cultural, uma vez que os versos tratam de problemas enfrentados nas periferias e refletem sobre resistências? E as atividades conduzidas no MCEM, de certa forma, não contemplam estrategicamente algumas dessas demandas denunciadas nos versos? A programação do coletivo não seria um conjunto de respostas aos enfrentamentos colocados na exterioridade das vivências sociais periféricas? Essas questões nos levam a afirmar que o campo popular estabelece suas próprias mediações (MARTÍN-BARBERO, 2001), para além das saídas dadas tanto na mídia tradicional como pelas novas plataformas.

⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QTqTh5WIDAY&t=897s>>. Acesso em 7 ago. 2023.

Desde o período das ocupações em praça pública, houve uma preocupação em explicar aos moradores quais eram as intenções do coletivo de cultura, notadamente as motivações do movimento frente às demandas periféricas de Ermelino. Era preciso mostrar os benefícios sociais para a região, caso o coletivo tivesse sucesso em sua ocupação. Desde então o MCEM passou a acolher projetos artísticos, oficinas, atividades de cultura e lazer e oferecer essa agenda de maneira gratuita ao bairro – Buraco Quente e Santa Inês, por exemplo, são as regiões mais pobres do entorno, e também as que mais participam da programação oferecida no MCEM. Hoje essa comunicação (coletivo-moradores) é potencializada pelo uso de redes sociais e aplicativos de envio de mensagens – há, inclusive, um grupo aberto no WhatsApp pelo qual a agenda é constantemente atualizada. As tecnologias são um desdobramento na linguagem midiática das mediações culturais, cultivadas e ampliadas desde o período de ocupação em praça pública – e posterior ocupação do espaço no qual o coletivo está localizado hoje.

Em abril, a avenida na qual o coletivo está localizado foi atingida por uma grave enchente. Tanto o espaço do MCEM como os comércios da região sofreram alagamentos, com muitos prejuízos e perda de equipamento. Aproveitando o contato de longa data com a prefeitura de São Paulo, o coletivo agendou uma audiência pública com o subprefeito regional, realizada no espaço da ocupação. O encontro foi não só divulgado nas redes sociais, convidando os moradores para um debate público com um representante da gestão municipal, mas possibilitou também que aqueles que não pudessem participar presencialmente acompanhassem a reunião pela transmissão feita nas redes, inclusive com a possibilidade do envio de perguntas. A organização da audiência pública posicionou o coletivo como um ator político local, não restrito a questões culturais, mas engajado com os demais problemas estruturais de Ermelino Matarazzo. Assim, as famílias que levam seus filhos às atividades culturais e os comerciantes da região podem compreender o MCEM como espaço de construção de sociabilidades, vivências e mobilizações comunitárias em prol da região – e a prefeitura passa a considerar, por outro lado, a força política que é produzida nesse local.

O traçado cartográfico do MCEM se move por afetos, que se estendem em diferentes ações, parcerias, linguagens artísticas, em diferentes intensidades e ritmos. Assim, não há um caminho linear, mas conexões e relações imprevisíveis. Se não há como enquadrar seus movimentos produtivos nos limites de expressões progressistas

institucionalizadas, é porque seu código é sustentado pela heterogeneidade de sua cultura, que não deixa de atualizar sua capacidade de atuação ao se deparar com a exterioridade. No lugar do signo “movimento social”, as entradas e saídas das significações colocam mais camadas de sentido frente a um provável significante – e esse é um dos aspectos dos processos de experimentação (DELEUZE, GUATTARI, 2002). A liderança ou a centralidade, no MCEM, parecem sempre dar lugar a um conjunto de frentes de atuação, com diferentes pessoas responsáveis, cujas estratégias se constroem nos próprios acontecimentos – uma ideia de oficina, uma necessidade do bairro, um edital, um problema social local etc.

Notamos que o espaço de convivência no coletivo, notadamente os pontos de encontro e partilha que são produzidos culturalmente no movimento, é um dispositivo cultural que irá formar subjetividades ativistas. Por isso a cartografia como caminho teórico e metodológico traçado até aqui ajuda a entender esse sistema heterogêneo formativo do MCEM. Em termos comunicacionais, a cultura no movimento se constitui por codificações e recodificações, nos movimentos relacionais que vão tecendo significações a cada parceria, a cada embate com o poder público, a cada necessidade do bairro, assim por diante – são processos que não cessam de estabelecer laços afetivos. Não há um significante institucional que se impõe, pois tal como o mapa para Deleuze e Guattari (2000), o MCEM varia, se desmonta e reconecta, a cada parceria que é capaz de produzir. E essa experiência popular local, ao ressoar nos ambientes e nas linguagens midiáticas, não irá gerar outro efeito senão essa constante recodificação de ativismos e táticas de enfrentar as desigualdades que atravessam as periferias (os saraus, as assembleias populares para discutir enchentes etc.). O mesmo vale para o uso das redes, que até pode parecer semelhante, em termos técnicos, ao que está dado na própria engrenagem dessas tecnologias (marcações, *hashtags*, transmissões ao vivo etc.) que se espalham como micropoder (FOUCAULT, 1999), no entanto, alguns elementos diferem: a ironia com a qual se referem às mídias sociais (Natália certa vez escreveu no Instagram, após partilhar um de seus versos: *Queria ver se o Instagram guentava me seguir nas ruas! rs*) e as significações ativistas na enunciação (como as interações nas transmissões dos saraus), que fazem circular esses laços afetivos produzidos desde o período das ocupações em praça pública. O MCEM forma subjetividades que irão agir de maneira ativista nas redes. Daí os saberes que emergem de uma cartografia, esse pensamento produzido culturalmente no coletivo, por suas semioses de encontros

possíveis, suas dinâmicas, diferente de uma tentativa de fixar um significado ou elemento simbólico que faça referência ao que já se pensou sobre os movimentos sociais. Trata-se de lidar teoricamente com a experimentação e a imprevisibilidade que são as modalidades de atuar do MCEM.

Como nos demonstram os estudos de Lotman (1996), a variabilidade de contextos culturais coloca problemas específicos, a depender das relações semióticas que estão em jogo. Desse modo, a cartografia seria essa construção de conhecimento a partir do dispositivo cultural do MCEM, o que nos leva a processos e não a uma saída hermenêutica. O Movimento Cultural de Ermelino Matarazzo pressupõe um enfrentamento às questões que se colocam como desigualdades nas periferias de modo interativo com sua multiplicidade de relações internas e externas, a resposta produtiva é construída de acordo com o que está ao alcance – *um possível* a ser produzido, uma virtualidade que pode ser materializada, a exemplo do aumento da agenda de atividades frente às ameaças de despejo da ocupação. Não seriam a imprevisibilidade e a experimentação as engrenagens semióticas do conceito de *sivirologia*? O processamento de determinada situação-problema leva a táticas e a estratégias de organização, que dependem das situações postas para criar *modos de agir dentro e fora das redes* (as transmissões dos saraus, por exemplo, que pensam criticamente a periferia e convidam pessoas a participar dos encontros, tornar-se poeta). Ser artista e ser ativista no MCEM é parte de uma multiplicidade de saberes estabelecidos por memórias locais e rearranjos estratégicos, a base de certo letramento de vivências periféricas que na contemporaneidade ressoam nas linguagens midiáticas.

Considerações

O presente trabalho procurou reunir informações de campo levantadas sobre o funcionamento do coletivo Movimento Cultural Ermelino Matarazzo, da Zona Leste de São Paulo. Esses dados empíricos foram organizados de maneira descritiva e analítica por um procedimento cartográfico. Foram as observações iniciais acerca do coletivo que demandaram o trabalho da cartografia e não o contrário. Ao notarmos que o coletivo se movimentava por uma multiplicidade de artistas, educadores, coletivos menores, moradores do bairro etc., identificamos uma dinâmica semiótica heterogênea, que estabelece relações externas com necessidades sociais e políticas da região – que opera como mecanismo cultural (LOTMAN; USPENSKI, 2000).

Essas semioses provenientes de parcerias, ativismos, linhagens artísticas, entre outras possibilidades criativas, são processos imprevisíveis, que somente ocorrem a depender das relações que se multiplicam no mapa do coletivo. Compreendemos, então, que as mediações populares que estão em jogo na luta pela cultura na periferia formam mapas de possibilidades, que interferem na realidade de modo experimental (DELEUZE; GUATTARI, 2000), daí as tensões que marcam as relações do coletivo com o poder público. O MCEM, portanto, é parte de uma expressão cultural popular e midiática criadora de novos arranjos comunicacionais, capazes de mobilizar reivindicações políticas de inclusão e direitos. Caberia, então, ampliar um traçado cartográfico na atual cultura midiática em busca de outros coletivos, de outras regiões do país, identificar e analisar seus modos de agir e suas táticas minoritárias, para fazer aumentar o mapa, com o objetivo de compreender outros focos de experiências alternativas, populares e midiáticas, que produzem saberes situados sobre questões sociais contemporâneas.

Referências bibliográficas

FERREIRA, Cleiton. A arte da Sevirologia na quebrada., p. 1-3, c2023. In: *Sivirologias periféricas*. Disponível em: < <https://www.sevirologiasperifericas.com.br/biblioteca-de-estudos>>. Acesso em: 25 jul.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: para uma literatura menor*. Lisboa (POR): Assírio e Alvim, 2002.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo, Editora 34, 2000.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

LOTMAN, Iuri, M. *La semiosfera I*. Semiótica da cultura y del texto. Madri: Ediciones Frónesis Cátedra Universitat de Valencia, 1996.

LOTMAN, Iuri; USPENSKI, Boris. Sobre el mecanismo semiótico de la cultura. In: LOTMAN, Iuri. *La semiosfera III: semiótica de as artes y de la cultura*. Madrid: Ediciones Cátedra, 2000, p. 164-193.

MARTIN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações*. Comunicação, Cultura e Hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SESC. *Ocupação Cultural Mateus Santos, de Ermelino Matarazzo*, c2021. Página inicial. Disponível em: <<https://www.sescsp.org.br/ocupacao-cultural-mateus-santos-de-ermelino-matarazzo/>>. Acesso em: 28 fev.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O nativo relativo. *Revista Mana*, v. 8, n. 1, p. 113-148, 2002.